



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **MILITANTES ESTUDANTIS: ESTRATÉGIAS DE DISTINÇÃO, REDES SOCIAIS E TRAJETÓRIAS**

Lucilia Augusta Lino de Paula  
IE/UFRRJ  
[lucilia.ufrrj@gmail.com](mailto:lucilia.ufrrj@gmail.com)

Este trabalho apresenta alguns resultados de pesquisa desenvolvida sobre jovens que ocuparam posições de liderança no movimento estudantil de uma universidade pública brasileira, no período de 1975 a 2000 (PAULA, 2004). O material empírico se constituiu basicamente dos depoimentos coletados sobre a forma de entrevistas, e com base no relato desses com ex-militantes estudantis, que rememoraram e reinterpretaram suas vivências e experiências, buscou-se reconstruir a memória social do movimento. Neste trabalho, nos detemos em analisar como se desenvolveram as trajetórias desses estudantes, como se constituíram suas redes sociais e estratégias de distinção a partir da inserção no movimento estudantil organizado na UFRRJ.

### **Gerações, *habitus* e capitais**

As trajetórias dos ex-militantes, tendo em vista a investigação sobre um período de 25 anos, permitiram distinguir duas gerações com características diferenciadas. Segundo Mannheim (1982, p.73) o fenômeno social da ‘geração’, representa “um tipo particular de identidade de situação, abrangendo ‘grupos etários’ incrustados em um processo histórico-social”. Os estudantes investigados que pertencem à uma mesma geração vivenciam uma ‘situação comum’ na dimensão histórica do processo social, que os predispõe a “um certo modo característico de pensamento e experiência e a um tipo de ação historicamente relevante”. (MANNHEIM, 1982, p.72).

A UFRRJ é uma instituição peculiar que favorece uma intensa convivência no *campus* – acentuada pela residência dos estudantes nos alojamentos – que os aproxima, constituindo uma ‘geração real’, possuidora de “um vínculo concreto através da exposição aos mesmos sintomas sociais e intelectuais”. (MANNHEIM, 1982, p.86).

Essa geração real participa das “correntes sociais e intelectuais características de sua sociedade e período”, experimentando as “interações das forças constituintes dessa nova



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

situação” (MANNHEIM, 1982, p.86). Isso é explicitado por um militante da década de 1980/1990, que destaca, a identificação como ‘unidade de geração’ diferenciada:

Foi muito marcante na nossa geração, ter saído da ditadura militar e saber que agora podíamos falar e quem entrou na Universidade 10 anos antes não podia. Nossos irmãos mais velhos, nossos pais e tios não puderam se manifestar no nível que a gente se manifestava, não podiam fechar as estradas, não podiam ocupar o MEC, não podiam invadir reitoria e a gente podia. Não só na Rural, mas nas outras universidades também. Só que na Rural, aquele ambiente em que as pessoas conviviam, moravam juntas, dormiam e comiam juntas, e viam os problemas e tinham a possibilidade de mudar aquele ambiente. Cada um veio com uma história diferente, mas houve um encontro comum, e naquele ambiente, naquele momento juntou todo mundo. (PAULA, 2004, p. 111)

A constituição de ‘unidades de geração’ se origina de uma maior intensidade de vínculo que faz com que os indivíduos da mesma ‘geração’ formem um grupo distinto dos demais jovens, produzido por forças formativas e atitudes integradoras, presentes no movimento estudantil e em outras configurações sociais (MANNHEIM, 1982, p.87-88). Os jovens investigados pertencem a ‘grupos concretos’ em uma universidade peculiar<sup>1</sup>, agrupados em gestões do DCE e em correntes políticas, enquanto seus contemporâneos inseriam-se em outros grupos, visto que um mesmo estudante podia integrar vários grupos. Estes estudantes integram uma ‘unidade de geração’, experimentam a vida acadêmica num mesmo campo de atuação social e podem se inserir ou não em um ou mais ‘grupos concretos’ ao mesmo tempo, onde todos se conhecem e se reconhecem como integrantes, ainda que com graus de envolvimento diferenciados, elaborando o material de suas experiências comuns de diferentes modos. (PAULA, 2004, p. 112)

Segundo o depoimento dos ex-militantes, a Universidade Rural, dadas suas características institucionais, e enquanto ‘força socializante’, lhes forneceu uma experiência de vida única que os marcou por toda a vida (PAULA, 2009).

É importante conhecer as trajetórias anteriores desses estudantes, sua origem social e os diferenciados capitais que trazem na bagagem. As entrevistas forneceram dados sobre a origem familiar e trajetória escolar, a inserção e atuação no movimento estudantil, e a influência dessa formação na sua vida (PAULA, 2004, p.122).

---

<sup>1</sup> A UFRRJ favorece o ingresso de estudantes de diferentes regiões do país, atraídos pela infra-estrutura e assistência estudantil, e à prática de realizar vestibulares em diversos estados. Os estudantes de fora do estado já foram a maioria, e ainda hoje constituem um elevado percentual. A afluência de alunos provenientes da capital, da região metropolitana, da Baixada Fluminense e de outras regiões do estado do Rio de Janeiro, equilibrou a origem urbana e rural, próxima e distante, presente em quase todos os cursos. Destaca-se, ainda, um número significativo de estudantes latino-americanos, maior nos anos 70 e 80, e hoje, de africanos, propiciando uma riqueza cultural ímpar e paradoxal: isolada mas diversificada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Trabalhos de Bourdieu (1983, 1998, 1999), sobre a constituição diferenciada dos atores segundo sua origem social e familiar e as influências dessa formação distinta no modo de vivenciar a condição estudantil e militante, foram fundamentais para ampliar a compreensão sobre o modo como se confirmam as predisposições sociais e se produzem distinções.

Bourdieu tentou uma ‘mediação entre o agente social e a sociedade’, entendendo o homem, ‘ao mesmo tempo produto e produtor da história’, sem desprezar os condicionamentos do meio social (ORTIZ, 1983, p.8-9). A tensão indivíduo e sociedade, sujeito e estrutura, é evidente quando analisamos, entre a totalidade dos estudantes da Rural, um grupo que se distingue da maioria.

Para Nogueira & Nogueira (2002, p.16) a Sociologia da Educação de Bourdieu, tornou-se um marco histórico, quando, de forma original e abrangente, debruçou-se sobre o problema das desigualdades escolares. Dentre os conceitos desenvolvidos por Bourdieu, destaca-se o de *habitus*:

Um sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem serem o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 1983:61)

Assim, o *habitus*, enquanto disposições incorporadas durante o processo de socialização, manifesta-se através dos comportamentos, gostos e atitudes que favorecem o desenvolvimento dessas disposições, ajustadas à posição social ocupada pelo agente no campo ou almejada por ele.

Na Universidade Rural, as marcas dessa distinta origem social (*habitus* familiar e escolar<sup>2</sup>) aparentemente se dissolvem na vida acadêmica que parece unir ou igualar estudantes com bagagens sócio-culturais-familiares diversas, promovendo mudanças nas suas predisposições sociais. No processo de formação acadêmica, submetidos a uma convivência longa e intensa no *campus*, esses estudantes adquirem uma série de

---

<sup>2</sup> O *habitus* primário – incorporado no mundo natal ou ambiente familiar – e o *habitus* secundário - trazido da sua escolarização anterior, que formou o capital cultural incorporado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

disposições comuns que favorecem a incorporação de um *habitus* universitário<sup>3</sup>, de um sentimento de pertença à instituição, à sua geração, e mesmo a um grupo específico que identificam como seu grupo. A imensa heterogeneidade parece se diluir no *campus*, e segundo a representação dos estudantes, a convivência intensa no *campus* os iguala:

Na Rural a gente se nivelava sim, ficava meio que igual. Ficávamos lá todo dia, e aquela convivência aproxima muito as pessoas, nos igualava de modo geral. Havia os ricos, os que tinham origem muito humilde, os outros tinham origem de classe média, mas não tinha problema, a gente se tratava igual, ninguém esnobava ninguém. (PAULA, 2004, p. 110)

O ingresso em uma Universidade com características peculiares, afastada do centro urbano, que propicia uma vida comunitária intensa, favorece a transformação do *habitus*. A cultura jovem traz uma forma mais despojada no trajar, uniformiza os estudantes com *jeans* e camisetas mascarando de certo modo sua origem de classe. Entretanto, vemos que as trajetórias diferenciadas deixaram marcas que denunciam a sua origem social e produzem impactos na vida acadêmica dos estudantes, ou segundo Bourdieu (1979), nos modos como os agentes podem manter ou incrementar suas posições relativas na luta concorrencial naquele espaço específico.

O espaço social permite a existência de vários ‘campos’, definidos por uma lógica particular de funcionamento que rege as diversas interações ocorridas no ‘campo’. O ‘campo’, espaço de possibilidades e correlações de forças e conflitos, é como um jogo onde os participantes se enfrentam de acordo com sua posição na estrutura, valendo-se de recursos diferenciados e desigualmente distribuídos: o *capital*<sup>4</sup> (BOURDIEU, 1979). Entre esses capitais, diferenciados quanto ao seu volume e estrutura, destacamos o cultural<sup>5</sup>, o econômico<sup>6</sup> e o social<sup>7</sup>. A analogia semântica com o conceito marxista

<sup>3</sup> O *habitus* universitário engendra ‘certa homogeneização das práticas relacionadas ao conhecimento e à formação profissional’ e articula ‘comportamentos, percepções, expectativas e escolhas’. A entrada na Universidade configura-se como uma passagem que exige a substituição do ‘estatuto de aluno’ pelo ‘estatuto de estudante’, onde o *habitus* escolar seria sobreposto progressivamente pelo novo *habitus* universitário, sendo que alguns estudantes, por sua trajetória anterior, já trariam uma ‘plataforma’ inicial mais ou menos adequada. (PAES DE CARVALHO, 2004, p.200)

<sup>4</sup> Os capitais são bens simbólicos valorizados pelos agentes de cada campo específico, cujo acúmulo favorece seus possuidores na disputa de posições no campo. O capital é a forma dominante referente a cada campo, e que se consolida segundo sua estrutura e volume, que hierarquizam as posições e práticas dos agentes, de acordo com princípios de diferenciação ou de valoração das diferenças em relação ao campo onde estes interagem. (Bourdieu, 1979, p.128-29).

<sup>5</sup> O capital cultural refere-se à posse (e ao modo como ela foi obtida) de bens culturais, e é transmitido pela herança familiar e pela trajetória escolar, se manifestando nos estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O capital cultural incorporado é fruto do trabalho de inculcação e assimilação efetivado ao longo da formação da criança; seu estado objetivado refere-se à posse e utilização de bens culturais materiais, e o capital cultural institucionalizado é assegurado pelos certificados obtidos nas ‘boas’ escolas, já uma decorrência do capital acumulado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

refere-se às propriedades similares do ‘capital’: pode ser acumulado mediante investimento, transmitido por herança e permite ao seu possuidor extrair lucros segundo aplicações mais rentáveis.

Assim, vemos que a posse diferenciada de capitais pelos estudantes, advinda de suas trajetórias formativas progressas, demonstra que a homogeneidade é apenas aparente. O capital cultural, como o objetivado em certificados escolares, por exemplo, proporciona lucros diretos, tanto no mercado acadêmico como em outros lugares, além de lucros de distinção, desigualmente distribuídos, que constituem um capital simbólico. Da mesma forma, graças ao capital econômico as desigualdades sociais e as diferenças de estrutura e volume do capital cultural, longe de serem disfarçadas, ficam mais evidentes. O capital social, enquanto um aparato de redes sociais influentes mantidas pela família, muitas vezes propicia ao estudante o reconhecimento e a diferenciação dos colegas com menor grau de capital social. A UFRRJ favorece a construção de um capital social, – mesmo entre aqueles que carecem dele ao ingressarem nos cursos – que poderá ser acionado no futuro como evidenciaram várias das trajetórias analisadas. (Paula, 2008)

Observando a origem social dos entrevistados, foi possível constatar que a chegada à Universidade significou para muitos a confirmação de uma mobilidade social ascendente já iniciada pela família, em uma dinâmica de mudanças na trajetória social. Aparentemente, há um paradoxo no fato de que apesar da grande mobilidade social no Brasil, ocorrida na última metade do século XX, configura-se ainda uma enorme desigualdade, caracterizada por pequenos deslocamentos e muita circularidade, já que a maioria subiu pouco e a minoria subiu muito na escala social. Assim, persistem os contrastes na sociedade brasileira que, a par do intenso movimento ascendente e descendente na estrutura social, mantêm as dificuldades de acesso às novas e melhores posições sociais (PASTORE & SILVA, 2000).

As diferenças no volume a estrutura dos capitais, com destaque para o cultural, são fundamentais para assegurar o ingresso e manutenção dessas posições sociais, alvo de

---

<sup>6</sup> Referente à posse de recursos materiais, favorece uma formação caracterizada pelo acesso a bons colégios, professores particulares, cursos de línguas, informática, livros e revistas, além de bens culturais mais caros, como as viagens de estudo. Assim permite o acesso a bens, serviços, padrões e práticas sócio-culturais que garantem o ingresso nos cursos mais conceituados e as condições de permanência na Universidade até a formatura.

<sup>7</sup> O capital social é baseado no patrimônio de relações sociais capazes de propiciar vantagens estratégicas ou apoios que favoreçam a ação e as aspirações dos agentes no campo específico.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

lutas concorrenciais que também se desenvolvem no interior da escola e da Universidade.

### **Distinguindo gerações: trajetórias**

Classificamos os estudantes investigados em duas gerações. Os entrevistados da ‘**primeira geração**’ de militantes, nasceram entre a segunda metade da década de 50 até o início da década seguinte. Seus pais, nascidos nas décadas de 20 e 30, ingressaram no mercado de trabalho em pleno período de aceleração da urbanização e industrialização no país, de expansão do comércio, dos meios de transporte, fenômeno acentuado com o aquecimento da economia pela entrada do capital estrangeiro após o fim da 2ª Guerra Mundial. O crescimento do aparelho estatal e do setor de serviços, iniciado na década de 30, se intensificou, ampliando as camadas médias, cujos filhos ingressariam na Universidade a partir dos anos 60. Assim, intensificaram-se as exigências do mercado por mais trabalhadores qualificados para atividades de controle da produção e administração de empresas públicas e privadas, para o exercício do magistério e das profissões liberais, ampliando a demanda por formação em nível superior.

O processo de urbanização do país estava associado a uma mudança favorável de *status*, que viera acompanhada de uma melhoria no padrão de vida, aumento da renda e do consumo, ampliação das oportunidades de escolarização e trabalho. Esse quadro se acentuou, progressivamente, com as gerações, que, ingressaram no nível superior nas décadas de 70 e 80. Nessa época, a UFRRJ expandiu suas vagas e criou novos cursos.

Os pais da maioria dos entrevistados da **primeira geração** eram originários da zona rural, sendo possível distinguir dois estratos: um composto por lavradores, semi-alfabetizados e outro por pequenos e médios proprietários rurais com escolarização maior, embora nenhum desses pais alcançasse o ensino secundário. Entre as décadas de 50 e 60, todos eles procuraram atividades em centros urbanos. Uma estratégia a ser destacada é o envio dos filhos para a casa de parentes para que pudessem estudar.

Outros três entrevistados da mesma geração vêm de famílias de origem urbana, situam-se no ápice da pirâmide social, classes médias altas e altas, com pais com escolaridade de nível médio ou superior e ocupando funções à época prestigiosas. Sem maiores dificuldades financeiras estas famílias propiciaram aos filhos uma escolarização de



qualidade e uma condição de vida que lhes permitiu desfrutar da juventude sem preocupações com a subsistência, adequado ao ‘padrão’ universitário da época.

Os entrevistados da **segunda geração** possuem um perfil mais urbano. Destes, apenas 2 entrevistados têm família com origem rural, mas migraram para o Rio de Janeiro, nas décadas de 50 e 60. Da mesma forma que seus pares de origem rural da ‘primeira geração’, os pais têm baixa escolaridade.

Os demais entrevistados dessa segunda geração já viviam há pelo menos duas gerações no Rio de Janeiro, sendo que apenas uma família pertencente aos estratos inferiores. Outros quatro estudantes da ‘segunda geração’ já integravam estratos médios, e uma pode ser classificada como pertencente aos estratos médios superiores.

Paula (2014, p. 180), registra que apesar dos pais dos estudantes da primeira e segunda geração que provêm dos estratos inferiores, terem pouca ou nenhuma escolaridade, seus filhos conseguiram ingressar na Universidade Pública, dando continuidade ao processo de mobilidade social ascendente dessas famílias. Foi pequena a ajuda que essas famílias disponibilizaram para os filhos na relação com a escola, devido à privação de capitais. Entretanto, eles ‘fizeram a sua parte’, segundo os entrevistados, garantindo o acesso à escolarização. Esses jovens realizaram seus estudos com grande esforço pessoal: trabalharam e estudaram concomitantemente, cursaram o ensino médio noturno em escolas públicas, muitos em outras cidades, recebendo favores de parentes. Finalmente, ingressaram na Universidade, apesar da baixa expectativa familiar.

Hoje, com a divulgação das estatísticas oficiais ampliou-se a demanda por estudos sobre a influência da origem socio-econômica-cultural das famílias no desempenho dos filhos, relação evidente quando se analisa a mobilidade social e a escolarização no Brasil.

Paula (2004, p.176) destaca que, o fato da família dos entrevistados que procediam de meios populares não dispor dos capitais que favorecem o sucesso escolar foi um aspecto extremamente dificultador do acesso à Universidade Pública. Eles foram estudantes-trabalhadores diferentemente de seus colegas das classes médias. Segundo o relato desses militantes, a origem familiar influenciou na maneira de vivenciar a condição estudantil, sujeitando-os a uma série de dificuldades que demandavam esforços para sua superação, o que não ocorria com os estudantes das camadas médias e altas, que já possuíam um perfil favorável ao sucesso acadêmico. Essas disparidades,

influenciam na forma como vivenciam a condição estudantil, principalmente, a forma de encarar o estudo e a necessidade, ou não, de dedicar muitas horas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

a ele, numa tentativa de superar os limites da sua própria escolarização. Os estudantes 'esforçados' e 'estudiosos' lutam para obter notas elevadas, pois as dificuldades de manutenção durante o período universitário muitas vezes interferem negativamente no seu desempenho. (PAULA, 2004, p. 201)

Bourdieu (1999) ao analisar as diferentes disposições e estratégias de investimento escolar adotadas pelas diferentes classes sociais, afirma a tendência a um investimento moderado em relação ao sistema de ensino pelas classes populares, pobres em capital econômico e cultural. Como o investimento no mercado escolar geralmente oferece um retorno baixo, incerto e de longo prazo, esses estratos sociais tendem a priorizar carreiras escolares mais curtas, que favoreçam a rápida inserção no mercado de trabalho, como os cursos profissionalizantes de nível elementar e médio (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002).

Os estudantes dessas famílias relataram um histórico de trabalho e privação desde a infância. Seus irmãos viveram a mesma situação, de estudo e trabalho, e vários chegaram a cursar o nível superior, ainda que, em alguns casos, sem o mesmo sucesso. Três entrevistados foram os únicos entre os irmãos que concluíram o nível superior.

Dado o grande esforço despendido pelos integrantes dos estratos inferiores tanto da Primeira quanto da Segunda Geração, estes ingressaram na Universidade, com a idade média mais elevada que seus pares dos estratos mais favorecidos. Eles são filhos de pais que não possuem aspirações de escolarização mais elevadas para a prole, e por isso não fazem uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar. Como o ensino médio, e até o fundamental, foi visto como o limite pela família esses jovens tiveram que empreender estratégias próprias para superar essa limitação.

Essas trajetórias se assemelham às descritas por Souza e Silva (2003), 'trajetórias improváveis', visto que não dispunham de condições favoráveis ao sucesso, mas que, no entanto, conseguiram se sair bem em suas trajetórias escolares.

Como as 'disposições para a ação' incorporadas pelos sujeitos (*habitus*) são referentes à realidade social concreta, vemos o condicionamento do grau de investimentos escolares feito pelas famílias, de acordo com a sua posição social. Como a formação universitária é longa, retardando a entrada do jovem no mercado de trabalho, isso representa um peso para as famílias mais pobres, além de ser um investimento de retorno incerto e, portanto, arriscado. Já nas camadas médias, devido às chances de sucesso escolar serem objetivamente mais elevadas, o investimento na escolarização é sistematicamente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

superior e acentuado, e decorre principalmente das aspirações de ascensão social em direção às elites, através do sucesso escolar dos filhos. Assim, o investimento está relacionado ao retorno provável em termos de rentabilidade do título escolar e as chances de sucesso ou fracasso de cada segmento social na carreira acadêmica.

Entretanto, cabe registrar uma diferenciação quanto às atitudes frente à escolarização dos filhos por parte das elites culturais – atribuindo-lhe um valor maior visando carreiras de prestígio – ao contrário das econômicas, em que a certificação escolar apenas “legitimaria o acesso às posições de controle já garantidas pelo capital econômico” (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2002, p.26). Por outro lado, as elites investem pesadamente na escolarização dos filhos, mas de forma menos tensa, pois não dependem do sucesso destes para ascender socialmente, pois já estão no ápice.

Este fenômeno está presente nas estratégias familiares dos três estudantes da ‘primeira geração’ que integram os estratos médios e superiores, tanto no que se refere à escolha das escolas quanto ao apoio financeiro dado aos filhos durante o curso superior.

Os três estudantes da ‘primeira geração’, provenientes de camadas médias altas, ao contrário de seus contemporâneos de estratos inferiores e médios, cursaram escolas de prestígio, e durante a graduação foram sustentados pelos pais. Eles residiam em repúblicas, podiam desfrutar integralmente das benesses de ser “jovem” e “estudante”, sem maiores preocupações com questões materiais. Possuíam, ainda, uma relativa autonomia apesar de dependerem economicamente dos pais, à semelhança do perfil do estudante descrito por Forracchi (1977).

Se os jovens das camadas médias e superiores já possuem capital cultural e social suficiente para favorecer o ingresso em carreiras de prestígio, os estudantes dos estratos inferiores recorrem a outras instâncias para adquirirem o capital social e/ou cultural que lhes falta. Apesar da situação de pobreza, aparece como referencial para esses jovens, certo capital social familiar, propiciado por parentes que estudaram ou tinham melhor padrão social, e que, de forma direta ou indireta, influenciam sua opção pelo estudo.

Assim, em algumas trajetórias, de ambas as gerações, pode-se destacar a presença da Igreja ou da religião<sup>8</sup>, como uma variável importante, favorecendo a socialização

---

<sup>8</sup> Muitos desses estudantes abandonaram ou se distanciaram da prática religiosa quando, ao ingressar na Rural, inseriram-se no movimento estudantil, ainda que alguns, com a maturidade, procuraram desenvolver ‘certa’ espiritualidade. A experiência religiosa, anterior ou posterior ao período acadêmico, foi considerada um fator importante na sua socialização política e na construção de sua visão de mundo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

política e propiciando o acesso a um capital cultural e social que a família não podia oferecer.

Em algumas trajetórias aparece o ingresso precoce na Rural, para cursar o ensino médio no Colégio Técnico, onde adquirem capital informacional e social que pode favorecer o ingresso e a permanência no *campus*, configurando uma estratégia acertada.

As dificuldades econômicas são uma constante entre os estudantes de origem humilde que ao ingressarem na Universidade não podem contar com o auxílio da família para o seu sustento. Assim, esses estudantes recorrem à assistência estudantil, requerendo auxílios como bolsa-alimentação e crédito educativo. Tais estudantes compartilham, de forma mais evidente, valores e atitudes de solidariedade, como ‘dividir a bandeja’, isto é, repartir a alimentação com colegas, também desfavorecidos, dividindo seu custo.

Na segunda geração, todos os estudantes entrevistados, residiam no Alojamento, seja por critérios econômicos, seja para ficar mais próximo das atividades políticas e culturais, desfrutando com mais intensidade a vida no campus.

Nem sempre a igualdade de condições (equidade) será assegurada com o ingresso na Universidade, mesmo sendo esta uma instituição que favorece a permanência do aluno mais pobre, oferecendo alojamento e alimentação gratuitos. Os estudantes mais pobres enfrentam maiores dificuldades, financeiras e acadêmicas, que seus colegas das camadas médias. A desigualdade nos recursos de manutenção é visível, assim como outras distinções estabelecidas entre os estudantes, confirmando que apenas aparentemente podemos achar que existe uma homogeneização.

Existem distinções entre os cursos mais e menos prestigiosos, procurados por estudantes com volume de capitais também diferenciados. Se a Universidade Rural, é mais uma opção para alunos abastados que desejam cursar Agronomia, Veterinária ou Engenharia Florestal, ela é a única opção viável para os alunos que, vindos de fora, recebem o apoio institucional necessário, mediante a assistência estudantil. Muitos declararam que só puderam ingressar na Universidade por que ela oferecia alojamento e alimentação gratuita para estudantes de baixa renda. (PAULA, 2004, p. 190)

É evidente que os sujeitos da pesquisa empreenderam trajetórias escolares de sucesso, algumas delas improváveis, devido à carência de capitais decorrente da origem social desfavorecida. Essa constatação vem ao encontro da concepção predominante nos estudos da ‘sociologia das trajetórias escolares’ de que o ‘*pertencimento a uma classe*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

*social*' não é mais o fator determinante e exclusivo dessas trajetórias. Cabe, também, considerar a dinâmica interna das famílias e as características 'pessoais' dos sujeitos, que apresentam relativa autonomia em relação à classe social, ainda que não totalmente independentes, quando analisamos a 'dialética complexa' das trajetórias escolares (Nogueira, 2002, p.58). Nas trajetórias analisadas detectamos essa complexidade, principalmente em relação às referidas trajetórias improváveis, quando o fator classe social desfavorecida não foi um elemento impeditivo do sucesso, ainda que aliou-se o esforço pessoal dos estudantes, à cumplicidade da escola e o apoio limitado da família. A própria inserção no movimento estudantil parece ser maior entre as camadas médias, mais engajadas politicamente, e que possuem um respaldo familiar que lhes permite viver a condição de estudante de forma mais relaxada e intensa. É mais comum que os extremos sociais passem ao largo do movimento, pois se os alunos mais pobres querem terminar o curso logo e inserir-se no mercado de trabalho, os filhos da elite dificilmente se inserem nas mobilizações pois se sentem distantes das reivindicações da maioria das campanhas. Fugindo a esse padrão, temos jovens das camadas inferiores e superiores, que aventuraram-se na política estudantil, alguns pela própria percepção e vivência da desigualdade social, dentro e fora da Universidade. (PAULA, 2004; 2008, 2009)

Para os entrevistados, a Universidade, por ser pública, é percebida, tanto pelos estratos inferiores quanto pelas camadas médias baixas, como a grande oportunidade de mobilidade social. E para alguns essa universidade deve ser defendida, por esse mesmo motivo, para propiciar a outros no futuro a mesma oportunidade.

### **Militância estudantil e Redes sociais: instâncias de formação**

Vimos que o ingresso na Universidade evidenciou díspares processos de escolarização vivenciados por esses jovens oriundos de famílias de diversos estratos sociais. Essa disparidade também ajuda a ver que estes estudantes são iguais apenas quando vistos à distância, pois trazem diferenças significativas de estrutura e volume de capital.

O 'esforço individual', utilizado como estratégia por esses jovens, significou um investimento consciente, que aliado à riqueza do caldo cultural existente na Universidade, minimizou e relativizou as determinações da 'bagagem socialmente herdada'.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Os entrevistados, provenientes dos estratos sociais inferiores, realizaram seu projeto de estudo apesar do reduzido apoio familiar. Suas famílias não tinham condições de desenvolver estratégias de escolarização longa para a prole, porém, de fato, realizaram um investimento, ainda que modesto, na educação dos filhos, ao não exigirem seu auxílio no sustento familiar. Assim, ‘a educação do filho transformou-se’, como para uma grande parcela da população, ‘no capital mais fundamental para a realização da ascensão social’, como afirmaram Pastore e Silva, (2000, p.42), ainda que a ascensão social, via ensino superior, não fosse um projeto familiar, mas individual.

Em contrapartida, os filhos de camadas médias e altas receberam o incentivo necessário ao ingresso no nível superior, suas famílias desenvolveram estratégias eficazes de investimento escolar, desde os primeiros anos de sua escolarização, apoiando-os e sustentando-os quando do ingresso em cursos de prestígio na Universidade.

A aquisição do *habitus* universitário, marcada pela “adaptação e persistência no curso superior”, exige um “trabalho de iniciação” que consiste em “descobrir e se apropriar das evidências e rotinas dissimuladas nas práticas” universitárias que implicam a adaptação aos códigos e a assimilação das rotinas próprias da instituição. Assim, o modo como os estudantes ‘jogam o jogo’ com o sistema e mobilizam seus recursos sociais, fornece pistas sobre a incorporação do *habitus* no mundo natal e suas transformações ao longo das suas trajetórias. O *habitus* universitário atualizaria as inúmeras interações entre as disposições e os capitais engendrados desde o *mundo natal*, assim como seu percurso através dos diversos campos e redes sociais até o ingresso na Universidade e a passagem para uma futura atuação no espaço socioprofissional. (PAES DE CARVALHO, 2004; SCHNAPPER, 2000).

Dessa forma, a efetiva incorporação do *habitus* universitário se manifesta no ‘senso do jogo’ que alguns estudantes apresentam: no cumprimento das exigências acadêmicas, na naturalidade com que emitem juízos sobre a instituição, o curso e seus professores, e em uma evidente desenvoltura nas atitudes e comportamentos. Assim, eles acionam um leque variado de recursos disponíveis demonstrando o domínio de ‘receitas’ ou ‘esquemas facilitadores’. (BOURDIEU, 1989, NOGUEIRA, 2002; PAULA, 2004).

Na Rural, devido à maior permanência do estudante no *campus*, a aquisição do *habitus* universitário tenderia a ser mais rápida ou mais eficaz do que nas outras Universidades.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Do mesmo modo, a inserção no movimento estudantil, também sob a influência da peculiaridade da instituição, demonstra ser mais intensa e mais forte.

Comprovamos que o movimento estudantil é uma instância de socialização capaz de produzir saberes, identidades, visões de mundo e subjetividades, e um veículo de atitudes integradoras e formativas fundamentais. A participação no movimento estudantil favorece a aquisição de uma série de habilidades e capacidades, forja líderes que apresentam características distintas, como boa articulação de idéias, pensamento crítico, fluência verbal e capacidade de liderança. Os militantes estudantis adquirem assim uma ‘competência política’, um *habitus* que lhes permite opinar e agir com legitimidade diante não só dos fatos políticos, mas das questões acadêmicas.

Para um depoente, é “uma porcentagem muito pequena” de estudantes que, devido a uma consciência diferenciada, se envolve com as ‘coisas da Universidade’:

Eram poucas pessoas que faziam muitas coisas diferentes, não era um conjunto muito grande de alunos que trabalhavam em várias coisas. E todo mundo fazia tudo, as pessoas saíam da capoeira, e iam para o Erva Doce, e depois ainda tinham uma reunião do CEA, e ainda iam p’ro Teatro ou tinham que fazer outra coisa. Eram praticamente as mesmas ‘figurinhas carimbadas’. (PAULA, 2004, p.123)

As ‘figurinhas carimbadas’ eram os estudantes que se inseriam tanto no movimento estudantil como em outras atividades políticas, culturais, sociais que funcionavam como instâncias de formação e socialização. Dessa forma eles ampliavam seu capital cultural, político e profissional, e graças à visibilidade proporcionada por estas atividades, apresentavam maiores condições de acumular capital social e simbólico. Para Brandão (2000), os capitais sociais e simbólicos funcionam como espécies de *coringas* que ampliam os trunfos dos agentes nas lutas concorrenciais travadas no espaço social.

Assim, os estudantes que participaram do movimento estudantil, principalmente como lideranças, adquiriram uma estrutura e volume de capital que os distingue e diferencia dos demais alunos, que os torna mais ‘competentes socialmente’. Esses capitais, político, profissional e simbólico, podem ser reconvertidos em capital social e econômico com efeitos sobre as condições de luta no mercado de trabalho.

As estratégias de distinção utilizadas pelos estudantes, – não necessariamente de forma intencional – lhes granjearam prestígio e popularidade. Esses capitais adquiridos pelos ‘militantes’, não são diretamente relacionados à educação formal, mas, constituem uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

formação diferenciada daquela obtida pelos alunos ‘comuns’ da Universidade, como explicita um ex-militante:

É importante o conceito de formação acadêmica que a gente incorporou na formação profissional, e que é diferente do conceito de formação acadêmica das pessoas que entram na Universidade e acham que se formar é estudar, tirar nota alta, e se dedicar à sala de aula. Percebemos rapidamente que a formação profissional e pessoal de cada um de nós passava sobretudo pelo conjunto das ações que estávamos desenvolvendo. E que a sala de aula era uma parte disso, mas dimensionada em função do que entendíamos que era mais importante para a vida pessoal e profissional. (PAULA, 2004, p.124)

Esse conjunto de atividades propicia um acúmulo de capitais, desigualmente distribuídos entre o corpo discente, e que influenciam sua visão de mundo. Muitas das concepções sociais, políticas e culturais dos ex-militantes têm como referência significados que emergem das relações construídas entre eles, nas suas relações com o movimento estudantil, ao longo de trajetória acadêmica.

Como vimos, o peso relativo de cada tipo de *capital* adquirido no *mundo natal*, aliado ao *habitus* universitário, pode orientar o estudantes e futuro profissional, em suas escolhas éticas, estéticas e políticas, promovendo uma diferenciação entre os agentes de acordo com essa bagagem também diferenciada. O *habitus* funciona, portanto, como um *modus operandi*, como uma disposição estável que faz com que o agente aja numa determinada direção, orientando sua ação, guiando sua interpretação do real. E essa é a função da família, da escola e da sociedade: a inculcação de um *habitus* que traz em si “o próprio modo de apreender o mundo enquanto conhecimento”, uma objetividade interiorizada (ORTIZ, 1983, p.16). Assim se configurou uma rede extensa e intensa de aprendizados que se deram ao longo da vida acadêmica e não acadêmica dos sujeitos.

A socialização acadêmica e a participação no movimento estudantil – que agregou trajetórias sociais diferenciadas, em períodos distintos e sob conjunturas diversas – apontam para a construção de uma representação social comum e compartilhada pelos integrantes dos diversos grupos e sub-grupos de estudantes da Universidade Rural.

Os militantes atribuem ao movimento estudantil uma importância significativa na sua própria atuação profissional: a aquisição de uma série de habilidades e capacidades, desigualmente distribuídas, que configuram um capital profissional em voga no mercado de trabalho. O movimento estudantil mostrou-lhes “outra dimensão, muito



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mais ampla”, do curso, os ajudando a serem profissionais ‘mais completos’. Mas, a importância do movimento estudantil na atuação profissional do militante refere-se também à coerência na escolha das opções profissionais, a inserção em um mercado de trabalho específico que exige um capital político anterior. A capacitação profissional atribuída ao movimento estudantil relaciona-se diretamente ao trabalho desenvolvido junto aos cursos e aos movimentos de área, e afina-se com a percepção acerca da dimensão humana e social das profissões, da formação para a cidadania. Esses aspectos propiciaram a formação de uma estrutura e volume de capitais que, segundo os depoimentos dos sujeitos, repercutem sobre as suas trajetórias sócio-profissionais. Esse diferencial na formação trouxe possibilidades de ampliação do capital cultural, social, político e outros, funcionando como estratégia de distinção

Além das contribuições do movimento estudantil na formação profissional e na inserção no mercado de trabalho, os militantes destacam ainda a representação sobre a “formação do ser em todos os níveis”, e da “amizade e companheirismo, idealismo, liberdade, conhecimento, diversão, amor”, construídos e forjados na Rural, naquela experiência de convivência coletiva. A importância atribuída à militância e à convivência durante os anos de formação acadêmica, superam inclusive críticas à instituição e à formação.

A constituição de redes sociais, vínculos de amizade, profissionais, familiares, que permanecem até hoje, é uma peculiaridade da instituição. Essa representação da Rural como ‘uma família’, e celeiro de amizades que se perpetuam por toda a vida é uma representação comum entre muitos militantes, que atestam sua contribuição marcante na formação e projetos futuros, com impactos na vida social e profissional.

Os ex-estudantes investigados atribuíram sua formação política, social e existencial, e mesmo profissional, à sua atuação no movimento estudantil. Junto com a convivência propiciada pela Rural, o movimento estudantil marcou fortemente sua representação sobre o período de formação acadêmica e a construção de sua própria identidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOURDIEU, Pierre. (1983). Questões de Sociologia. Tradução Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro, Marco Zero.

\_\_\_\_\_, (1998). O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_, (1999). Escritos de Educação. Vários tradutores. Petrópolis, Vozes.

BRANDAO, Zaia. (2000). Entre questionários e entrevistas In: NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G. e ZAGO, N. (Org.) Família & escola - trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, pp. 171-183.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- FORACCHI, M. M., (1977). O estudante e a transformação da sociedade Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MANNHEIN, K.(1982). O problema sociológico das gerações. Tradução Claudio Marcondes. In: FORACCHI, M. M. (Org.). Mannheim: Sociologia. São Paulo, Ática.
- NOGUEIRA, C. M. M. & NOGUEIRA, M. A. (2002). A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. In: Educação & Sociedade. Ano 23, nº 78, pp. 15-36.
- NOGUEIRA, M.A. (2002). Elites econômicas e escolarização: Um estudo de trajetórias e estratégias escolares junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais. Tese de Professor Titular. Belo Horizonte, Faculdade de Educação, UFMG.
- ORTIZ, R. (Org.) (1983). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo, Ática.
- PAES de CARVALHO, C. (2004). Entre as promessas da escola e os desafios da reprodução social: Famílias de Camadas Médias do Ensino Fundamental à Universidade. Tese de Doutorado. PUC-Rio. Educação.
- PASTORE, J. & SILVA, N.V., (2001). Mobilidade social no Brasil. São Paulo: Makron Books.
- PAULA, L.A. L.de. (2004). O Movimento estudantil da UFRRJ: memórias e exemplaridade. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação. Tese de Doutorado. 316p.
- \_\_\_\_\_ (2009). Memória do Movimento Estudantil: Sujeitos, cultura e identidades. In: ANAIS do IX CIHELA Congresso Iberoamericano de História da Educação latino-americana. Rio de Janeiro, SBHE, Quartet. ISSN 978.85.7812.030.6.
- \_\_\_\_\_ (2008). Jovens militantes estudantis. In: Jovens: diferentes olhares, múltiplas abordagens. Ciências Humanas e Sociais em Revista. Vol. 30, n.2, Julho/Dezembro 2008. Seropédica, EDUR. p.13-24. ISSN 0104-9259.
- SCHNAPPER, D., (2000). A Compreensão Sociológica: Como fazer análise tipológica. Trad. Eduardo de Freitas. Lisboa, Gradiva.
- SOUZA e Silva, J.de, (2003). Porque uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a Universidade. Rio de Janeiro, 7 letras.